

Estudo Patográfico de Fernando Pessoa

Patografic Study of the Fernando Pessoa

Suzana Azoubel de Albuquerque¹ e Othon Bastos²

RESUMO

Fernando Pessoa, incontestavelmente um dos maiores gênios da literatura universal, é objeto deste estudo patográfico. Através da análise de sua biografia e obra, os autores buscam delinear seus perfis psicológico e psicopatológico e caracterizar uma associação entre sua evidente bipolaridade e seu padrão criativo. Os dados do estudo revelam claramente um componente bipolar e sugerem haver influência de seu humor de base sobre a atividade literária, quanto ao conteúdo, número de poemas e estilo literário. Verifica-se a presença de múltiplas comorbidades: Dependência de Álcool, Transtornos de Ansiedade Generalizada, de Ansiedade Social, além de Fobias Específicas. Do ponto de vista caracterológico, constata-se um Transtorno de Personalidade Esquizóide, com evidentes transtornos da psicosexualidade.

Palavras-chave: bipolaridade; espectro bipolar; criatividade.

ABSTRACT

Fernando Pessoa is decidedly one of the greatest genius of the Universal Literature. Here the authors goes through a patografic analysis of the poet, what means to say that through his biography and work, the authors seeks to build up a construct which show the relationship between his creative pattern and manic or depressive episodes. Our data revealed, aside from a bipolar component, also the following comorbidities: Generalized Anxiety Disorder, Social Phobia, Specific Phobia, Alcohol Dependence. When the social impairment caused by his pattern of thinking, feeling and acting is considered, we conclude for Schizoid Personality Disorder as Axis II diagnosis.

Keywords: bipolarity; bipolar spectrum; creativity

Este artigo é desdobramento da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento da Universidade Federal de Pernambuco em fevereiro de 2009.

¹ Coordenadora do Programa de Residência Médica em Psiquiatria do Hospital Ulysses Pernambucano.

² Professor Titular de Psiquiatria da Universidade Federal de Pernambuco e Professor Titular de Psiquiatria da Universidade de Pernambuco.

INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa reinventou a *persona* – máscara usada no teatro pelos atores da Antiguidade para ocultar a face ao assumir um personagem^{5,12}, através da criação de heterônimos. Acontece que a máscara, feita de cera, derrete-se com o decorrer do espetáculo e, *sin cera*, o homem mostra-se *sincero* – só finge bem quem se conhece. O heterônimo é um personagem criado pelo poeta, com direito a uma biografia própria, compleição física, estilo literário particular e até horóscopo. Fernando Pessoa é o único caso de heteronímia da literatura universal. Foi o próprio Fernando Pessoa quem criou essa designação. Ao criador dos heterônimos também deu um nome, ortônimo.

Num poema encontrado recentemente, Pessoa escreve: “Sou uma antologia”. Apesar de, em vida, ter publicado apenas dois livros, *English Poems* (1918) e *Mensagem* (1934), constaram publicados em diversas revistas literárias e jornais da época, 132 textos em prosa e 299 poemas. Depois de sua morte, foram encontrados na grande arca em que guardava seus escritos (e que o acompanhou em suas várias mudanças de residência), cerca de 27 mil papéis, entre ensaios, poemas (mais de mil), contos, crônicas, romances inacabados, diários, projetos, etc²¹.

Este estudo vai se ocupar do Fernando Pessoa poeta, prosador, contista, tradutor, filósofo, crítico literário, ensaísta político; da criança exilada na África do Sul, do homem de educação inglesa exilado em seu próprio país, ele – o estrangeiro de si mesmo. Importa tirar-lhe a máscara e construir um perfil psicológico e psicopatológico deste, que é um dos maiores gênios da história da humanidade.

Como analisar, entretanto, o poeta que dizia ser um “fingidor”? Será que ele fingia mesmo, ou fingia fingir? É o próprio Pessoa quem responde:

A atitude que deveis tomar para com estes livros publicados é a de quem não tivesse dado [sic] esta explicação, e os houvesse lido, tendo-os comprado, um a

um, de cima das mesas de uma livraria. [...] Deveis supor [...] que menti; que ides ler obras de diversos poetas, ou de escritores diversos, e que através delas podeis colher emoções ou ensinamentos deles, em que eu, salvo como publicador, não estou nem colaboro. [...] Finjo? Não finjo. Se quisesse fingir, para que escreveria isto? Estas cousas passaram-se, garanto; onde se passaram não sei, mas foi tanto quanto neste mundo qualquer cousa se passa, em casas reais, cujas janelas abrem sobre países realmente visíveis....²⁹.

Para Kretschmer, *as condições maníaco-depressivas em suas formas mais leves têm relação com a produção criativa. Temos que considerar aqui, principalmente os sintomas hipomaniacos em suas formas menos intensas, com seus estados emocionais inflamados e sua efervescente produção de idéias, a qual tem a natureza de uma exibição de fogos de artifício mental.* A resposta à pergunta de Kretschmer, *É o gênio, gênio, a despeito do seu componente psicopático, ou por causa dele?*²⁰, poderá receber contribuição, sem dúvida, de estudos patográficos de pessoas de inteligência e criatividade excepcionais. Fazendo a ressalva de que, “não existe algo como arte da loucura, mas apenas boa e má arte, arte com, e sem, valor estético. A arte da loucura nada mais é do que a psicopatologia da arte. Apenas os psicóticos talentosos irão produzir trabalhos de arte genuínos. A maioria irá criar trabalhos de grande importância terapêutica, psicopatológica ou fenomenológica, mas de reduzido valor artístico”⁶.

A leitura de textos de matizes contrastantes - há ali mudanças drásticas não só no estilo literário, mas no tempo dos poemas e prosas, na celeridade com que haviam sido escritos, no conteúdo que ora bradava a todo pulmões o dinamismo da modernidade, o “sentir tudo de todas as maneiras”³⁰, ora lamentava o cansaço da vida, o tédio, o não ser nada – fez com que percebêssemos haver em Fernando Pessoa uma variação tal de

humor que não eram produtos intencionais de suas dissociações heteronímicas. Poderiam ser, talvez, os fenômenos patoplásticos do transtorno bipolar.

ESTUDO PATOGRÁFICO

Escrito em 1922 por Karl Jaspers, professor de Psiquiatria e Filosofia em Heidelberg, o livro *"Gênio e Loucura – Ensaio de Análise Patográfica Comparativa sobre Strindberg, Van Gogh, Swedenborg e Hölderlin"*, inaugura os estudos patográficos¹⁶:

*"A mera interpretação de uma biografia já se constitui, por si, um tema suficientemente sugestivo para a psicopatologia aplicada..." "... ademais, a esse interesse se acrescenta de forma extraordinária, pela importância que tem para essa ciência, as histórias clínicas dos enfermos de semelhante valor intelectual"*¹⁷.

Para Jaspers, toda vida psíquica é *um todo como forma temporal*. Se quisermos apreender um indivíduo, temos de possuir a visão de sua vida desde o nascimento até a morte¹.

*Toda história clínica correta vai dar na biografia. Enraizada no todo existencial, a doença psíquica não se pode, dele destacada, apreender. O material mais abundante para a biografia está, decerto, em personalidades que são, ao mesmo tempo, historicamente importantes*¹⁷.

O psiquiatra espanhol Juan Antonio Vallejo-Nágera escreve sobre "o talento e a sua modificação pela doença" em seu livro *Loucos Egrégios*. Diz Vallejo-Nágera que "muitos psiquiatras tiveram o impulso de fazer a história clínica de personagens do passado usando os conhecimentos atuais. Esses estudos se chamam 'patografias'". Seu pai, igualmente psiquiatra, Antonio Vallejo-Nágera publicou em 1946 um livro dessa natureza também

chamado *Loucos Egrégios* onde reuniu mais de cem patografias. Segundo Vallero-Nágera, o Juan Antonio, "Para penetrarmos no psiquismo de uma pessoa, poucos elementos podem ser tão úteis quanto a sua correspondência íntima"³⁷.

MÉTODO

O estudo patográfico utiliza-se da fenomenologia e da Psiquiatria Clínica para tentar buscar o sentido do existir humano nos produtos materiais desse existir e na biografia do indivíduo. Assim, vida e obra de Fernando Pessoa foram analisadas.

Obedeceu-se à seqüência de: documentação; leitura exaustiva desta documentação – poemas, textos em prosa (ensaios, crônicas, críticas literárias e políticas, textos filosóficos, etc.), cartas, escritos autobiográficos, biografias sobre Fernando Pessoa e vasta bibliografia nos mais diversos enfoques, sobre o poeta; busca de trabalhos científicos na *world wide web* com as palavras-chaves: criatividade, bipolaridade, transtorno do humor bipolar, espectro bipolar; livros de psiquiatria especializados em transtorno bipolar e na relação entre criatividade e genialidade com a bipolaridade. Procedeu-se então à organização do material e análise de seu conteúdo, utilizando-se o método clínico-fenomenológico. Por fim, estes dados foram submetidos à nosografia atual do *Diagnostic and Statistical Manuals of Mental Disorders – DSM-IV-TR*¹³ para possível classificação diagnóstica.

PATOGRAFIA DE FERNANDO PESSOA

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa em 13 de junho de 1888. Em seu lar residiam, além de seus pais, a sua avó paterna, D. Dionísia, a qual tinha perturbadas as suas faculdades mentais quando nasceu o neto. Foi internada várias vezes em asilos de loucos. Quando em crise, D. Dionísia se tornava pornofônica, "tinha uma loucura intermitente – se não suportava as crianças quando dava na veneta, Fernando e os primos eram tratados, durante os períodos

pacíficos, com tanto carinho quanto benévola condescendência”¹¹. Em 1893, logo após o nascimento do filho Jorge, fica declarada a tísica do pai do poeta, Joaquim Pessoa. Falece a 13 de julho, deixando os seus em dificuldades financeiras. À morte do pai, segue-se, no ano seguinte, a do irmão Jorge, também tuberculoso. Talvez também em razão destas perdas, é neste ano que inventa um amigo invisível – Chevalier de Pas, ou Cavaleiro do Nada - “por quem escrevia cartas dele a mim mesmo”, dirá 40 anos depois em carta, a Casais Monteiro, crítico literário. D. Madalena, sua mãe casa-se novamente dois anos depois com o comandante da Marinha de Guerra, João Miguel Rosa e no ano seguinte a família parte para Durban, colônia britânica na África do Sul onde o padraсто exercerá o cargo de Cônsul de Portugal. Fernando é matriculado em 1896 na escola de freiras irlandesas da West Street. Três anos depois, ingressa na Durban High School onde, pelo extraordinário desempenho, estuda em três anos o que deveria estudar em cinco. Em 1903, aos 15 anos, é admitido na Universidade do Cabo, mas não cursa mais que um ano. É neste ano que cria várias personalidades literárias. Dentre elas, destacam-se duas: Alexander Search, que tem a mesma idade de seu criador e Charles Robert Anon, também adolescente, porém um antípoda de Pessoa^{4,11}. Em 1904 volta a morar em Portugal com a tia-avó Maria. Inscreve-se na Faculdade de Letras que pouco frequenta por estar muito envolvido em suas atividades literárias e por preferir a formação autodidática. Com a morte da avó Dionísia em 1906, Fernando aplica a pequena herança integralmente numa tipografia, a Empresa Íbis – Tipografia e Editora. Íbis é seu apelido de infância. O empreendimento não demora a fracassar. Para que os compromissos com horários não se tornassem empecilho a sua verve criativa, recusava vários bons empregos, mas aceita ser correspondente de línguas estrangeiras em casas comerciais, encarregando-se da correspondência em inglês e francês de escritórios de importação e exportação. Não há registro de que o adolescente

Pessoa tenha tido envolvimento amoroso ou mesmo puramente sexuais. Em 1908 decide morar sozinho. Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês. Seus textos causam polêmica ao criticar a literatura portuguesa da época^{8,11,21,34}.

Em 30 de outubro de 1908, o jovem Fernando, como Alexander Search, já mostra pretensões de grande poeta. Fala de seus inúmeros projetos, de seu vigor, de sua sensação de força e da impulsividade que praticamente o paralisa. Mostra-se, transbordante, assertivo, convicto, inflamado, taquipsíquico – em hipomania:

*...Além dos meus projectos patrióticos – escrever <<Portuguese Regicide>> [Regicídio Português] para **provocar aqui uma revolução**, escrever panfletos em português, editar obras literárias nacionais mais antigas, fundar um periódico, uma revista científica, etc. – outros planos que me consomem com a necessidade de serem em breve postos em prática – projectos de Jean Seul, crítica de Binet-Sanglé, etc. – conjugam-se para produzir **um impulso excessivo que me paralisa a vontade**. Não sei se o sofrimento que isto produz poderá ser descrito como estando do lado de cá da loucura²⁵.(...)*

Impulsos, uns criminosos outros dementes – que chegam, no meio da minha agonia, a uma tendência horrível para a acção, uma terrível musculosidade, sentida nos músculos, quero eu dizer – são em mim frequentes e o horror deles e da sua intensidade, agora maiores do que nunca tanto em número como em intensidade, é indescritível²⁵.

Com o pré-heterônimo francês Jean Seul, Fernando “confessa o inconfessável”. Nos fragmentos de texto encontrados a temática é só uma: a sexualidade em seus desvios e perversões. Também datados da mesma época foram encontradas sátiras

à sociedade onde, por exemplo, o incesto é obrigatório, está na moda medir o pênis, etc. Sua primeira elegia em língua portuguesa, datada de novembro de 1908 e intitulada *Dolora*, faz o balanço de sua adolescência como um atestado de fracasso:

Dolora
Dantes quão ledo afectava
Uma atroz melancolia!
Poeta triste ser queria
E por não chorara chorava

Depois tive que encontrar
A vida rígida e má.
Triste então chorava já
*porque tinha que chorar...*⁸

Em fins de 1908 “morre” Search, porém escreve o próprio epitáfio:

“Aqui jaz A[lexander] S[earch]
 de Deus e homens abandonado
 Da natureza troçado em dor;
 Não acreditou em igreja ou estado,
 Em deus, homem, mulher ou amor,
 Nem na terra aqui ou no céu além.
 Nada no mundo há de sincero
 Salvo luxúria, ódio, medo e dor (...)”⁴

Por volta de 1910-1911, o jovem, como lhe acontecerá muitas vezes, está cansado, deprimido, sem horizontes. Num diário anota sua indiferença fundamental, seu ódio aos “atos decisivos” e aos pensamentos definidos”, às realizações e às conclusões. Já 1913 é um ano profícuo; de intensa atividade criadora. Envolve-se na vanguarda da arte. É difícil acompanhá-lo no vai-e-vem que faz pela cidade. Trabalha em vários escritórios comerciais, frequenta os café da Baixa, vai ao Martinho e à Brasileira. Nunca teve tantos projetos e se relacionou com tanta gente. Em 08 de março de 1914 é o “Dia Triunfal” de sua vida, quando escreve “trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei

definir...” . Após a *Ode Triunfal* e os *Dois Excertos de Odes*, em menos de dois anos, do verão de 1914 à primavera de 1916, Álvaro de Campos vai escrever, sucessiva e simultaneamente, seis outras grandes odes, das quais duas, *Ode Marítima* e *Saudação a Walt Whitman*, têm cada uma um milhar de versos; três, *Ode Marcial*, *Passagem das Horas* e *A Partida*, muitas centenas cada uma, e a que começa por “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir” pouco mais de cem. Se considerarmos que no mesmo período, Caeiro termina sua obra e Reis continua a sua, que Soares trabalha no *Livro do Desassossego*, que o “próprio” Pessoa escreve cerca de vinte poemas do *Cancioneiro*, outros tantos do *Mad Fiddler* (em inglês) e muitas centenas do *Fausto*, sem contar com as numerosas páginas de ensaios filosóficos, políticos ou críticos, que se pode ter uma idéia da incrível fúria de escrever que se apossou do jovem escritor após o “Dia Triunfal”⁸.

É importante que se perceba que primeiro surgiram os poemas e só depois a “coterie”. Isto pode significar que, como já dissera Pessoa, *dar a cada estado de alma, uma alma*. Em nossa leitura, significa nomear cada estado de espírito, cada estado de ânimo, portanto, cada *humor*. Do ponto de vista ontológico, os heterônimos simbolizam as diversas possibilidades do ser. Consciente de que um ser apenas não daria conta de todas as realidades possíveis, multiplicou-se para poder reproduzir um número maior de verdades, ainda que estas teimem em desmentir-se reciprocamente³⁵.

Em (1930?) explica como surge a inspiração para a fala de seus personagens poetas – os heterônimos:

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não

sei o quê. (O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. (...)²⁹.

Segue abaixo excerto de *Ode Marítima* de Campos modernista: pulsões de vida e morte em devaneio sadomasoquista homoerótico:

Ode Marítima
(...)

*Levar pra Morte com dor, voluptuosamente,
Um corpo cheio de sanguessugas, a sugar,
a sugar,
De estranhas verdes absurdas sanguessugas
marítimas!*

*Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Arranquem-me a pele, preguem-na às
quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca
deixar de sentir!
Façam do meu coração uma flâmula de
almirante
(...)*

*Ser no meu corpo passivo a mulher-todas-
as-mulheres
Que foram violadas, mortas, feridas,
rasgadas plos piratas!
Ser no meu ser subjogado a fêmea que tem
de ser deles!
E sentir tudo isso – todas as coisas de uma
só vez – pela*

[espinha!

*Ó meus peludos e rudes heróis da aventura
e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha
imaginação!*

*Amantes causais da obliquidade das minhas
sensações!*

*Queria ser Aquela que vos esperasse nos
portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de
pirata nos sonhos!
(...)³²*

Neste outro poema de Campos, também liberto de censuras, Pessoa saúda seu irmão em *Universo* Walt Whitman - utilizando vários sinônimos da palavra homossexual para referir-se a ele: pederasta, *paneleiro de Deus*, *soutener do Universo*. Em absoluto estado de elação, utiliza uma profusão de onomatopéias. Depois, em *loucura furiosa*, grita e urra que o espírito que dá a vida neste momento sou EU:

Saudação a Walt Whitman

*Portugal – Infinito, onze de junho de mil
novecentos e quinze...*

He-lá-á-á-á-á-á!

*De aqui, de Portugal, todas as épocas no
meu cérebro,*

*Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em
Universo,*

*Ó sempre moderno e eterno, cantor dos
concretos absolutos,*

*Concubina fogosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-se contra a
diversidade das coisas,*

*Sexualizado pelas pedras, pelas árvores,
pelas pessoas, pelas profissões,*

*Cantor da fraternidade feroz e terna com
tudo,*

*Grande democrata epidérmico, contíguo a
tudo em corpo e alma,*

*Carnaval de todas as ações, bacanal de
todos os propósitos*

(...)

Soutener de todo Universo,

*Rameira de todos os sistemas solares,
paineiro de Deus!
(...)*

*Pra frente!
Meio esporas!
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em
que monto,
Porque eu, por minha vontade de me
consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou
qualquer coisa,
Conforme me der na gana... Ninguém tem
nada com isso...
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de
saltar,
De urrar, de zurrar, dar pulos, pinotes,
gritos com o corpo,
De me cramponner às rodas dos veículos e
me meter por baixo,
De me meter adiante do giro do chicote
que vai bater,
(...)^{β2}*

Em carta dirigida a Mário Beirão, assombrado-se, ele próprio, com tamanho estado de *rapidez ideativa*, uma verdadeira *crise de abundância*, altamente produtiva em que idéias, ou ainda, inspiração para redação de *poemas, projetos, raciocínios*, surgem e se sucedem a uma velocidade impressionante, ao ponto de perderem-se da *bruma para a bruma*, revelando assim taquipsiquismo que desemboca em fuga de idéias – típico da hipomania:

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1913

MEU QUERIDO MÁRIO BEIRÃO:

(...)

Estou atualmente atravessando uma daquelas crises a que, quando se dão na agricultura, se costuma chamar “crise de abundância”.

Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher, que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais que muita pressa escritas. As idéias que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se nessa tortura, escuramente outras. V. dificilmente imaginará que Rua do Arsenal em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projetos, fragmentos de coisas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metafísicas... Toda uma literatura, meu caro Mário, que vai da bruma – para a bruma – pela bruma...²⁹

Dezembro de 1914 é para ele uma “noite de tempestade”. Exibe quadro depressivo do qual padecerá outras tantas vezes. D. Madalena sofre um ataque apoplético em dezembro de 1915 e o poeta fica desolado. Em abril de 1916 seu amigo Sá-Carneiro se mata em Paris tomando estricnina ⁸. Deprimido escreve:

Cheguei, assim, ao meu 28º aniversário sem nada ter feito na vida – nada na vida, nas letras ou na minha própria individualidade. Até agora conheci o insucesso absoluto. Durante quanto tempo, aí de mim!, terei de conhecê-lo ainda?

Quanto mais examino a minha consciência, menos me absolve do nada que é a minha vida.(...)²⁵

13-6-1916

O sentimento de não pertencer a nada fez dele um estrangeiro onde quer que estivesse. Em sua capacidade singular de se transmutar em outrem, percebia como tantas as verdades e tantas

as possibilidades de sentir, que não poderia limitar-se a nenhuma delas:

“Em todos os lugares da vida, [...] eu fui sempre, para todos, um intruso. Pelo menos, fui sempre um estranho. No meio de parentes, como no de conhecidos, fui sempre sentido como alguém de fóra. [...] Fui sempre [...] tratado com sympathia. [...] Mas a sympathia com que sempre me trataram, foi sempre isenta de afeição. Para os mais naturalmente íntimos fui sempre um hospede, que por hospede é bem tratado, mas sempre com a atenção devida ao estranho e a falta de afeição merecida pelo intruso. [...] Se um dia amasse, não seria amado.”

O depoimento de Fernando Pessoa abaixo é praticamente uma descrição dos critérios diagnósticos para Ansiedade Social: desconforto ao expor-se em situações sociais, medo de críticas e comportamento de evitação:

O isolamento talhou-me à sua imagem e semelhança. A presença de outra pessoa – de uma só pessoa que seja – atrasa-me imediatamente o pensamento,(...). Sou capaz, a sós comigo, de idear quantos ditos de espírito, respostas rápidas a que ninguém disse, fulgurações de uma sociabilidade inteligente com pessoa nenhuma; mas tudo isso se me some se estou perante um outrem físico, perco a inteligência, deixo de poder dizer, e, no fim de uns quartos de hora, sinto apenas sono. Sim, falar com gente dá-me vontade de dormir....

Pesa-me, aliás, toda a idéia de ser forçado a um contato com outrem. Um simples convite para jantar com um amigo me produz uma angústia difícil de definir. A idéia de uma obrigação qualquer, - ir a um

enterro, tratar junto de alguém de uma coisa no escritório, ir esperar à estação uma pessoa qualquer, conhecida ou desconhecida – só essa idéia me estorva os pensamentos de um dia, e às vezes é desde a mesma véspera que me preocupo, e durmo mal, e o caso real, quando se dá, é absolutamente insignificante, não justifica nada; e o caso repete-se e eu não aprendo nunca a aprender (...).²⁵

O texto abaixo revela sua fobia a trovoadas:

Destaco de coisas psíquicas de que tenho sido o lugar, o seguinte fenômeno que julgo curioso. V. sabe, creio, que de várias fobias que tive guardo unicamente a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas. O outro dia o céu ameaçava chuva e eu ia a caminho de casa e por tarde não havia carros. Afinal não houve trovoadas, mas esteve iminente e começou a chover – aqueles pingos graves, quentes e espaçados – ia eu ainda a meio do caminho entre a Baixa e minha casa. Atirei-me para casa com o andar mais próximo do correr que pude achar, com a tortura mental que v. calcula, perturbadíssimo, confrangido eu todo²⁵.

Autodiagnose: em carta dirigida a dois psiquiatras franceses, Fernando Pessoa descreve-se como histero-neurastênico, abúlico, indeciso, metuculoso, cerebral interior, emocionalmente instável e perturbado por mil pensamentos e projetos dos quais não consegue realizar ou concluir em razão do seu deficiente pragmatismo. Agir para ele era violentar-se:

Lisboa, 10 de junho de 1919

Senhores:

Do ponto de vista psiquiátrico, sou um histero-neuroastênico, mas, felizmente,

*minha neuropsicose é bastante fraca; o elemento neuroastênico domina o elemento histérico, e isto concorre para que não tenha eu os traços histéricos exteriores – nenhuma necessidade de mentir, nenhuma instabilidade mórbida nas reações com os outros, etc. Minha histeria é apenas interior, é bem minha mesma; na minha vida comigo mesmo tenho toda a **instabilidade de sentimentos e de sensações, toda a oscilação de emoção e de vontade** que caracterizam a neurose proteiforme. Exceto nas coisas intelectuais onde cheguei a conclusões que tenho como firmes, **mudo de opinião dez vezes por dia; só tenho o juízo assentado a respeito de coisas em que não haja possibilidade de emoção.** Sei o que pensar de tal doutrina filosófica, ou de tal problema literário; **nunca tive opinião firme** sobre não importa qual de meus amigos, sobre não importa qual forma de minha atividade exterior.*

*Já viram sem dúvida onde está o **ponto fraco; um temperamento** tal como lho descrevi está **profundamente atingido**, não na emoção, não na Inteligência, mas **na vontade.** (...)²⁹*

Neste rascunho de uma carta ao diretor da Answers, Pessoa confessa o grande desconforto de sua homossexualidade, pois ainda que ela não tenha “descido ao corpo”, humilha-o:

*Não encontro dificuldade em definir-me: **sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina.** A **minha sensibilidade** e os movimentos que dela procedem, e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, **são de mulher.** As **minhas faculdades de relação – a inteligência, e a vontade,** que é a inteligência do impulso – **são de homem.***

*Reconheço sem ilusão a natureza do fenômeno. **É uma inversão sexual fruste.***

*Pára no espírito. Sempre, porém, nos momentos de meditação sobre mim, **me inquietou, não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo.** Não digo que praticasse **então a sexualidade correspondente a esse impulso, mas bastava o desejo para me humilhar.** (...)²⁹*

Morre o padrasto em outubro de 1919 e no primeiro trimestre de 1920, Fernando faz os preparativos para o retorno da mãe. No mesmo ano conhece e começa a namorar Ophélia Queiroz. Em outubro inicia uma fase depressiva tão intensa que o faz pensar em internar-se em sanatório psiquiátrico. Rompe com Ophélia. Depois de 5 anos desfrutando da companhia da mãe e irmãos, o estado de D. Madalena piora e ela falece em março de 1925. O luto do filho poeta se faz sentir, sobretudo, na amargura de Álvaro de Campos que deixa de ser o entusiasta da modernidade e passa a ser um homem cheio de cansaço e tédio. Tem, mais uma vez, a impressão de estar enlouquecendo. . A obra de Pessoa é toda permeada pelo tema do fracasso, mas é nessa fase de grande desolamento que esse sentimento, encontra maior expressão^{25,26,27,29,30,31,32,33}. Em abril de 1926, Pessoa escreve o segundo *Lisbon Revisited* e outro poema sem título que anunciam a negra matiz que reinará daí em diante: a idéia de morte, aqui claramente dita:

Se te queres matar, por que não te queres matar?

Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,

Se ousasse matar-me, também me mataria...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas

A que chamamos o mundo?

(...)

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Talvez, acabando, comeces...

(...)

Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,

Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

(...)^{β2}

26/4/1926

O famoso poema *Tabacaria*, uma espécie de epopéia do fracasso e que iria se chamar a princípio *Marcha da Derrota*, viria a ser também escrito nessa fase. O Álvaro de Campos da maturidade já não tem entusiasmo pela vida. Perdeu o elã, agora é poeta niilista. Seu vazio é preenchido pelo nada, pela culpa e pela idéia de morte. *Diante da incomensurabilidade da vida, Álvaro de Campos sente-se diminuído, (um nada que dói), a quem só é permitido o sonho⁸:*

Não sou nada

Nunca

Não posso querer ser nada

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo... (TABACARIA)

Em 1929, a pretexto de uma foto de Fernando bebendo no Abel Pereira da Fonseca que Ophélia vira com o sobrinho e pedira uma cópia para si, eles se reaproximam e reatam o namoro⁸. No ano seguinte escreve a carta do rompimento definitivo. Nela, Pessoa faz troça de si mesmo, abusa de onomatopéias, diz estar louco e insinua que irá matar-se na Boca do Inferno, área de falésia em Cascais ou até mesmo que deve ser internado no Hospital de Alienados de Rilhafoles ou na Casa de Saúde do Telhal, também hospital psiquiátrico sendo este em Sintra e aquele em Lisboa:

"Bebé fera: Peça desculpinha de a arreliar. Partiu-se a corda do automóvel velho que

trago na cabeça, e o meu juízo, que já não existia, fez tr-tr-r-r-r...

Logo a seguir a telefonar-lhe, estou a escrever-lhe, e naturalmente telefonarei outra vez, se não lhe faz mal aos nervos; e naturalmente será, não a qualquer hora, mas à hora em que lhe telefonarei.

Gosta de mim por mim ser mim ou por não? Ou não gosta mesmo sem mim nem não? Ou então?

Todas essas frases, e maneiras de não dizer nada, são sinais de que o ex-Íbis. O extinto Íbis, o Íbis sem concerto nem gostosamente alheio, vai para o Telhal, ou para Rilhafoles, e lhe é feita uma grande manifestação à magnífica ausência.

Preciso cada vez mais ir para Cascais – Boca do Inferno mas com dentes, cabeça para baixo, fim, e pronto, e não há mais Íbis nenhum. E assim que era para esse animal ave esfregar a sua fisionomia esquisita no chão.

Mas se Bebé desse um beijinho, o Íbis agüentava a vida um pouco mais. Dá? – Lá está a corda partida – r-r-r-r-r-r-r—r-r-r-r-r-r-

A valer 9-10-1929 Fernando"²⁴

Ao rompimento com Ophélia, segue - se mais um período sombrio. Os poucos poemas escritos são odes niilistas, lamentos e expressões de derrota e fracasso. O poema *Aniversário* foi escrito na data de nascimento de Fernando, mas como da mesma veia melancólica do Campos da maturidade, considerado como escrito em 15 de outubro de 1929, data de nascimento que criara para aquele heterônimo, e não em 13 de junho, data de seu aniversário. Amargura:

Aniversário

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,

Eu era feliz e ninguém estava morto.

*Na casa antiga, até eu fazer anos era uma
tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava
certa com uma religião*

[qualquer.

*No tempo em que festejavam o dia dos
meus anos,*

*Eu tinha a grande saúde de não perceber
coisa nenhuma,*

De ser inteligente para entre a família,

*E de não ter as esperanças que os outros
tinham por mim.*

*Quando vim a ter esperanças, já não sabia
ter esperanças.*

*Quando vim a olhar para a vida, perdera o
sentido da vida.*

(...)

***O que eu sou hoje é como a umidade no
corredor do fim da casa,***

Pondo gelado nas paredes...

*O que eu sou hoje (e a casa dos que me
amaram treme através*

[das minhas lágrimas),

O que eu sou hoje é terem vendido a casa,

É terem morrido todos,

***É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como
um fósforo frio...***

(...)

Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!

Hoje já não faço anos.

Duro.

Somam-se-me dias.

Serei velho quando o for.

Mais nada.

*Raiva de não ter trazido o passado roubado
na algibeira!...*

*O tempo em que festejavam o dia de meus
anos!...*³²

Na primavera daquele ano, entretanto, passa a escrever incessantemente. Este é um período prodigioso só comparado àquele que foi de 1914 a 1916. Porém, de setembro a dezembro de 1930 há um arrefecimento em sua produção, o que

faz Bernardo Soares escrever no livro de sua vida que *"Há muito tempo que não escrevo. Tem passado mezes sem que viva, e vou durando, entre o escriptorio e a psicologia, nua estagnação íntima de pensar e de sentir. Isto, infelizmente, não repousa: no apodrecimento há fermentação"*²⁷.

Numa carta de 31 de agosto de 1931 escreve a um amigo confessando-lhe *"Creio estar sofrendo um acesso – ligeiro, suponho, e, se, assim, curável – de loucura psicastênica(...). É recomendável o internamento em manicômio.*

Em seus últimos anos de vida, morando sozinho no apartamento da família, recebe todas as manhãs o barbeiro para fazer-lhe a barba. É encontrado muitas vezes ainda diante de mesa de trabalho, com cara de quem não se deitara, rodeado de livros e papéis, e em meio a isso, uma garrafa de aguardente vazia que será enchida no Trindade. Algumas semanas antes de sua morte, em visita a sua irmã Henriqueta no Estoril, apresenta *delirium tremens*. No poema D.T., descreve perfeitamente o quadro clínico:

D.T.

The other Day indeed,

With my shoe, on the wall,

I killed a centipede

Which was not there at all.

I killed a centipede

Which was not there at all.

How can that be?

It's very simple, you see—

Just the beginning of D. T.

When the pink alligator

And the tiger without a head

Begin to take stature

And demanded to be fed,

As I have no shoes

Fit to kill those,

I think I'll start thinking:

Should I stop drinking?

(...)

Then the centipede come

*Without trouble. (...)*³⁰

Morre no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos, de cirrose hepática. Sua última frase - "I know not what tomorrow will bring"²¹.

AFETIVOGRAMA:

1913 a 1916 – Intensa atividade literária; tertúlias; Supra-Camões; Orpheu.

1920 – Episódio depressivo grave que o faz pensar em internamento psiquiátrico.

1921 a 1924 – Período fecundo: literatura, projetos comerciais. Funda a Editora Olisipo.

1925 – Deprimido após a morte da mãe. Mais uma vez pensa em internar-se em "manicômio".

1930 – Ideação suicida. Crise criativa. Poemas niilistas.

1930 – Primavera de extraordinária atividade literária, só comparada àquela do período de 1914 a 1916.

1930 – Outono: "Há muito tempo que não escrevo..."

DISCUSSÃO

Falar sobre Fernando Pessoa em números é ser superlativo. Foi cerca de 27 mil, o número de papéis encontrados na arca. Dentre eles mais de mil poemas. Nunca teve domicílio fixo ou emprego estável. Mudou-se de endereço várias vezes. Ao todo, morou em 25 lugares diferentes. Colaborou em 42 jornais e revistas.

Na época de sua morte era um ilustre desconhecido. Publicou sim, em vida, dois livros – Mensagem²⁸, cuja leitura demasiado hermética para uma sociedade ainda provinciana, dificilmente fez muitos leitores, e Poemas Ingleses, que foi lido por quase ninguém. De maneira dispersa, teve publicado 132 textos em prosa e 299 poemas em revistas e jornais. Foi graças ao empenho de seus amigos Luís de Montalvor e Gaspar Simões, que a jovem Editora Ática publicou em 1953 *Obras Completas*, cujo título hoje sabemos equivocado¹¹.

Sua atuação na revista Orpheu rendeu-lhe alguma notoriedade no meio literário e jornalístico,

inclusive a de maluco, como a de todos da revista. Sua família e amigos não tinham a menor idéia de que conviviam com um gênio. D. Madalena, sua genitora, chegou a comentar em família que seus outros filhos não eram inteligentes como o Fernando, mas pelo menos eram "normais". Foi um eterno exilado, eterno estrangeiro, desconfortável até em sua própria "carcaça". Em adulto vivia na tertúlia, mas teve que fabricar uma *coterie*. Envolveu-se em dezenas de projetos que não foram adiante, muitos por sua tibieza de vontade. De inteligência extraordinária, começou a interessar-se pelas letras do alfabeto aos oito meses, a ler aos quatro anos e já aos cinco anos estava a se dedicar à leitura. Foi um leitor voraz até certo dia em que deixou de achar que fosse de algum proveito a leitura de livros, fossem quais fossem, fazendo exceção para o livro de Charles Dickens "Pickwick Papers" do qual conservou a lembrança de uma leitura prazerosa. Não podia aprender ou apreender mais dos livros, do que de sua observação de tudo o que o cercava e de si mesmo¹¹.

Foi sempre "o menino de sua mãe". Nutria um amor doentio por ela. Aos cinco anos perdeu o pai e um irmão para a tísica (tuberculose) e a mãe para o comandante Rosa. Morou na África do Sul durante quase oito anos e de lá não trouxe revelada qualquer recordação, nenhuma linha. Recebeu educação inglesa em Durban, então colônia britânica. Pouco se sabe sobre esse período. Sabe-se que tendo desempenho extraordinário, foi promovido de turma a certa altura da *High School*. Estudou em 3 anos o que se estuda em 5. Participou com uma redação em inglês, da qual concorreu com cerca de mil estudantes, em sua maioria anglófonos, no *Matriculation Examination* da Universidade do Cabo pelo qual ganhou um prêmio literário do qual se orgulhou muito, o Prêmio Rainha Vitória. Parece que o jovem Fernando não teve amigos ou amores. A saudade de Lisboa era a saudade da infância em Lisboa. Foi solitário, ensimesmado. Soube, por correspondência com um professor antigo e com ex-colega da

Durban *High School*, que era visto como inteligente, mas esquisito^{8,11}.

Após a morte do pai passou a contar com a companhia de amigos invisíveis (imagens eidéticas), “desde criança tinha essa tendência para a despersonalização”, comportamento freqüente na infância de muita gente (eidetismo). Só que seus amigos invisíveis começaram a escrever literatura e a colaborar em revistas juvenis. Desde ali, nasceram os heterônimos. Entre os seus era galhoifeiro, gostava de divertir os sobrinhos e pregar peças nas irmãs. Tinha como apelido de infância Íbis, nome de uma ave que se punha a ficar longo tempo com uma das pernas encolhidas e que, numa perna só, não saía do lugar. Será o símbolo de sua infância, do seu desajuste para as coisas da vida prática. Da infância na África guardou a lembrança traumática das chuvas tropicais torrenciais com seus trovões estrondosos e relâmpagos. Daí em diante transformava-se quando ocorriam tais fenômenos. Ficava apavorado, procurava um abrigo, às vezes até insólito, e se esvanecia. “Sua irmã Henriqueta diz que ‘o Fernando era um tanto estranho; não era muito acriançado(...)’”. Continua a sua irmã Henriqueta a informar: ‘o Fernando toda a sua vida teve o pavor de enlouquecer como a avó, ou de morrer tuberculoso como o pai. E: ‘De quando em quando davam-lhe acessos de excitação cerebral’.^{11,21,34} Na fobia há um medo persistente e irracional de um objeto específico, atividade, ou situação considerada objetivamente sem perigo, que resulte em necessidade incontrolável de esquivar-se ou de evitar o estímulo. Se isto não é possível, o confronto é precedido por ansiedade antecipatória e realizado com grande sofrimento. As fobias simples ou específicas são restritas a situações particulares, como certos animais, altura, trovões, avião, espaços fechados, certos alimentos, visão de sangue ou ferimentos, etc. Fernando Pessoa tinha brontofobia – fobia a trovão e outra, a manífbia que vem a ser medo da loucura e uma forma de nosofobia ou medo de doenças. A convivência com a avó Dionísia – sua avó louca –, fez com que temesse a loucura pelo resto da vida e que se interessasse muitíssimo por livros de Psiquiatria. Leu Lombroso e Max Nordau³⁴. Também era tímido e introvertido ao ponto de

sentir-se muito constrangido na frente de desconhecidos e de perder a naturalidade e as palavras. Quando sozinho era capaz de argumentar com inteligência, mas tivesse ele que enfrentar a situação de ter que falar com estranhos, não conseguia concatenar as idéias e titubeava. Na *fobia social* ou *ansiedade social* há medo excessivo associado à necessidade de evitar situações onde o indivíduo possa ser observado ou avaliado pelos outros, pelo temor de se comportar de modo embaraçoso ou humilhante. Caso seja impossível evitar a situação, ocorre ansiedade intensa, que pode culminar em ataque de pânico.

Na caracterização que Kretschmer faz do temperamento esquizóide, ele coloca que o homem esquizóide é aquele com quem se pode conviver durante muitos anos e ainda assim não sermos capazes de dizer ao certo quem são. Nas pesquisas de Kretschmer sobressaíram como características estatisticamente mais significativas dos esquizóides os seguintes arranjos:

1. Não sociável, calmo, reservado, sério, excêntrico;
2. Tímido, com sentimentos bons, sensível, nervoso, excitável, apreciador da natureza e dos livros;
3. Flexível, dócil, honesto, indiferente, calado, sombrio.

Para ele ainda, os esquizóides seriam ao mesmo tempo extremamente sensíveis e frios ou, como chamava, do tipo Höderlin: extremamente sensíveis, anormalmente meigos, constantemente feridos, naturezas mimosas, “todo nervos” e ao mesmo tempo com intangível sopro de distância e frigidez aristocrática, com uma tendência autística de respostas afetivas para um círculo limitado de homens e coisas¹⁹. Este “tipo mimosa”, como Kretschmer nomeia, pode ser melhor estudado nos gênios, embora possamos encontrá-lo em qualquer parte. E Pessoa foi um esquizóide.

A angústia era uma tônica na sua vida. Tenso, sentindo-se deslocado, muitas vezes, mesmo em família. Sem dúvida, uma das causas de sua

insônia. No transtorno de ansiedade generalizada, o desconforto psíquico e, muitas vezes somático, é persistente e não está atrelado necessariamente a situações ou objetos específicos³⁶.

Nunca se soube que tenha tido amores ou paixões arrebatadoras. Teve um namorico com Ophélia Queiroz, em dois tempos: de janeiro a novembro de 1920, época que coincidiu com os preparativos para e o regresso de D. Madalena a Portugal em razão de sua viuvez, e em 1929, também por menos de um ano. Desse relacionamento sobraram “50 Cartas de Amor”, publicadas em 1978. Anos depois, Pessoa diria que “As cartas de amor são ridículas...”. Pessoa gostava de a tratar por “Bébé”, “Bonequinha” e a si, como Íbis. Diz Pessoa em carta a Ophélia, datada de 9 de outubro de 1929: “ Eu gostava que a Bébé fosse uma boneca minha, e eu fazia como uma criança, despia-a”²⁴, fazendo alusão a posse sexual de uma menina impúbere. De vez em quando, dava-lhe na cabeça de apresentar-se a Ophélia como Álvaro de Campos: “Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos (...). Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambelhava-se, dizendo “coisas sem nexos”. Em outra carta, esta datada de 5 de abril de 1920, fala em “dar-lhe açoitões” e de ser açoitado. Quando encarna Álvaro de Campos, é como se tirasse a máscara, e não como se a colocasse. A violência, o clamor à luxúria, ao sadomasoquismo, a relações homoeróticas brutais, aparece em vários poemas de Campos. Fernando Pessoa é o corpo-prisão onde a sua alma se esconde. Campos é a liberdade. Tudo pode ousar em seus versos – devaneios - literários. Em imaginação, se permite tudo: o ser feminino e passivo, sarcástico e cru.

Pessoa cumpria seu ritual, vagueando todos os dias pelas ruas da Baixa, encontrando os “amigos” nos bares. Ia metodicamente aos mesmos bares à mesma hora. Gostava de vinho e de aguardente de uva, bagaceira. Não se sabe quando isto virou em dependência. Soube perfeitamente descrever um *delirium tremens* no poema

D.T.. Chegou de fato, a ter esse quadro clínico, já no ano de sua morte, em 1935. Talvez o convívio com o General Henrique Rosa, poeta irmão do padrasto, que vivia rodeado de livros e garrafas, tenha tido alguma influência em seu alcoolismo. Pensou seriamente, pelo menos duas vezes, em ser internado em sanatório psiquiátrico em suas “crises” depressivas. Quando estava assim, sumia. Os amigos não lhe encontravam, isolava-se. Sentia um profundo cansaço. Sentia-se um nada. A inspiração mitigava, trabalhava menos e tinha mais dificuldades financeiras. Precisou várias vezes pedir dinheiro emprestado aos amigos. Há, em sua obra e cartas, referências à ideia suicida^{24,25,27,32}. Em outros períodos de sua vida, acontecia o inverso. Tinha mil projetos, envolvia-se em movimentos literários, escrevia incessantemente, numa verdadeira graforréia. Fazia e se envolvia em tanta coisa ao mesmo tempo, que pensar nisto chega a ser vertiginoso. Tinha “consciência de missão” e a certeza de sua genialidade. Este comportamento caracteriza claramente o **Transtorno Bipolar do Humor tipo II**^{1,2,3,38}.

Não temos como saber, ao certo, quanto tempo duravam seus períodos expansivos; decerto nunca teve um quadro de mania franca, pelo menos não em sua forma pura. Pode ter apresentado episódios mistos? Claro que sim. A angústia, a grande dificuldade para as coisas práticas da vida, ou, a simples e complexa dificuldade de existir, nunca lhe abandonaram mesmo nos períodos de euforia. Teve episódios de hipomania, não há como duvidar, mas pelo que sabemos, nunca chegou a ter comportamentos dos quais se constrangesse depois e, assim, caracterizasse um episódio de mania^{1,2,3,13,14,15}.

CONCLUSÃO

Procedemos neste estudo a uma investigação psiquiátrica para traçar os perfis psicológico e psicopatológico do poeta português Fernando Pessoa e estabelecer um possível padrão de atividade criativa que pudesse se correlacionar com os

altos e baixos do seu humor. Para isto, fizemos uma extensa análise de sua biografia e obra, tanto poética quanto em prosa, ou seja, um estudo patográfico.

Foi tido como esquisito pela família, colegas e amigos. Seu padrão de funcionamento esquizóide é revelado pela preferência por atividades solitárias, por sua introspecção, por sua timidez, por sua grande sensibilidade, por seu sentimento de ser estrangeiro por entre a família e amigos, pelo fato de nunca ter tido de fato amigos verdadeiramente íntimos e até pelo desconhecimento que sua própria família tinha dele – não tinham a menor percepção de seus sentimentos e muito menos de sua genialidade. Esquizóide com marcantes dificuldades na esfera sexual: é patente a constatação, em Campos, de suas tendências homossexuais egodistônicas, fetichistas, sadomasoquistas e voyeuristas.

Quanto ao eixo I do DSMIV-TR, podemos afirmar com ampla segurança, que Fernando Pessoa padecia de Transtorno de Ansiedade Social, de Manífbia, de Brontofobia e dos Transtornos de Ansiedade Social, Bipolar do Humor tipo II e de Dependência de Álcool.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Akiskal HS, Akiskal KK. Editorial: In search of Aristotle: Temperament, human nature, melancholia, creativity and eminence. *Journal of Affective Disorders* 100 (2007) 1-6.
2. Andreasen NC. The relationship between creativity and mood disorders. *Dialogues Clin Neurosci.* 2008;10(2):251-5.
3. Angst J. The Bipolar Spectrum. *British Journal of Psychiatry* (2007), 190, 189-191.
4. Azevedo A. Fernando Pessoa – Outramento e Heteronímia. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
5. Bastos CL. Personalidade. Em: *Manual do Exame Psíquico: Uma Introdução Prática à Psicopatologia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.
6. Bastos O. C. Camille Claudel: uma revolta da natureza. *Arte da loucura ou loucura da arte?* J Bras Psiquiatr, 55(3): 250-253,2006.
7. Bastos O. C. História da Psiquiatria em Pernambuco e outras Histórias. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.
8. Bréchon R. Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999..
9. Casais Monteiro A Fernando Pessoa: O Insincero Verídico. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1854.
10. Cheniaux E. Imaginação. Em: *Manual de psicopatologia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
11. Crespo A. A vida plural de Fernando Pessoa. Barcelona: Editorial Seix Barral, S.A., 1988.
12. Dalgalarondo P. Funções psíquicas compostas; a personalidade e suas alterações. Em: *psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
13. DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. Ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
14. Goodwin FK, Jamison KR. *Clinical Description*. Em: *Manic-Depressive Illness*. New York: Oxford University Press, 1990.
15. Jamison KR. *Touched with Fire: manic-depressive illness and the artistic temperament*. New York: Free Press Paperbacks, 1996.
16. Jaspers K. *Genio y Locura*. 3. Ed. Madrid: Aguilar, 1961.
17. Jaspers K. *O Curso da Vida (Biografia)*. Em: *Psicopatologia geral*. Vol 2. 9. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu.

18. Jaspers K. O Todo das Conexões Compreensíveis (Caracterologia). Em: Psicopatologia geral. Vol 1. 9. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu.
19. Kretschmer E. Physique And Character. 2. Ed. New York: Cooper Square Publishers, INC., 1970.
20. Kretschmer E. The Psychology of Men of Genius. New York: McGrath Publishing Co., 1970.
21. Lancastre MJ. Fernando Pessoa: uma fotobiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
22. Lombroso C. The Man of Genius. Edited by Havelock Ellis. New York; 1891.
23. Pessoa F. Cancioneiro. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.
24. Pessoa F. Cartas de Amor. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1998.
25. Pessoa F. Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal. Edição: Zenith R; tradução: Rocha M. 1. Ed. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
26. Pessoa F. Fausto: tragédia subjectiva. Org: Cunha TS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
27. Pessoa F. Livro do Desassossego. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
28. Pessoa F. Mensagem: obra poética I. Porto Alegre: L&PM, 2006.
29. Pessoa F. Obras em prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2005.
30. Pessoa F. Obra poética. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1995.
31. Pessoa F. Poemas de Alberto Caeiro. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
32. Pessoa F. Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.
33. Pessoa F. Poesia de Ricardo Reis. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006
34. Pizarro J. Fernando Pessoa: entre génio e loucura. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.
35. Sapiecinski M. A poesia de Fernando Pessoa e o Existencialismo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
36. Valença AM, Nardi AE, Nascimento I *et al.* Do social anxiety disorder patients belong to a bipolar spectrum subgroup? J Affect Disord. 2005 May; 86(1):11-8.
37. Vallero-Nágera JA. Loucos Egrégios. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Dois S. A., 1979.
38. Waddell C. Creativity and Mental Illness: Is There a Link? March 1998 Vol 43, N° 2 Review Paper.
39. Werlang BG, Botega NJ e colaboradores. Comportamento suicida. Porto Alegre: Artmed, 2004.